

CERIMÓNIA DA ENTREGA À INSTITUIÇÃO, DO ESTANDARTE NACIONAL, QUE FOI ARREADO NO TERRITÓRIO DE MACAU NO DIA DA PASSAGEM DA ADMINISTRAÇÃO PORTUGUESA PARA A REPÚBLICA POPULAR DA CHINA E QUE SE CONSTITUIU NA ÚLTIMA BANDEIRA DO IMPÉRIO ULTRAMARINO PORTUGUÊS

04 DE MARÇO DE 2016

GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES

Exmo. Senhor General Ramalho Eanes
Exmo. Senhor Ministro da Defesa Nacional
Exmo. Senhor General CEMGFA
Exmo. Senhor Secretário de Estado da Defesa Nacional
Senhores Chefes do Estado-Maior da Armada, do Exército e da Força Aérea
Exmo. Senhor General Rocha Vieira
Exmo. Senhor Professor Dr. Adriano Moreira
Minhas Senhoras e Meus Senhores

Segundo sociólogos, entre os sistemas em que sociologicamente se decompõe qualquer sociedade global, encontra-se o sistema cultural.

Sistema cultural que se refere à criação e definição de códigos e entra no domínio dos símbolos, das normas, dos valores.

A Bandeira Nacional é um desses símbolos culturais.

Estamos assim no campo do desenvolvimento de “valores referência” em códigos de conduta cuja aplicação se traduz na constituição de diversas forças, cuja resultante é o conjunto das Forças Morais da Sociedade global portuguesa.

Estas Forças Morais, este sistema cultural, constitui-se, segundo Easton em “apoio difuso” do Sistema político, acumulando-se em reserva de apoio segundo diversas formas nomeadamente aumentando a crença na legitimidade da autoridade, reforçando o Civismo pela difusão da ideologia do “bom senso” ou do “bem comum” e exaltando os símbolos da comunidade.

É o reforço do patriotismo, pelo simbolismo cerimonial de pertença à Sociedade.

Segundo Jean La Pierre a interação do sistema cultural no sistema político, manifesta-se pelas “ideologias da legitimidade e do bem comum, assim como o simbolismo da Pátria que saindo do sistema cultural, entram como recursos no sistema político. Por outro lado, certas decisões dos Sistemas políticos saem destes sistemas, afetando direta ou indiretamente os processos de formação e de reforço de crenças, normas, valores e símbolos que compõem aquelas ideologias”.

No sistema político português, a entrada do sistema cultural como recurso do sistema político, nem sempre tem sido evidente, sendo clara em situações extremas.

Apresentamos apenas dois exemplos diferenciados. O primeiro em que não parece ser evidente aquela entrada. De facto, a palavra Pátria apenas uma vez aparece na

Constituição da República de 1982 e duas na Lei de Defesa Nacional e das Forças Armadas, e só quando houve que dizer aos portugueses que lhe competia a sua defesa.

O outro exemplo de entrada plena do Sistema Cultural, no sistema político é aquele que nos traz aqui hoje. Completa um conjunto de ações iniciadas há séculos, em Macau, aprofundadas em 20 de Dezembro de 1999, com a transição de forma digna e reforçadora das Nossas Forças Morais, do território sob Administração Portuguesa para a Administração da República Popular da China.

O aperto de mão entre Jorge Sampaio e Jiang Zemin selava a transferência para a China e punha fim a mais de quatro séculos de administração portuguesa. Por outro lado, o último Governador do Território General Rocha Vieira, encostava a Bandeira de Portugal dobrada ao coração, quando esta foi arriada pela última vez no Palácio do governo. Eram 10 horas do dia 20 de Dezembro.

Este momento emotivo, do político 127^o Governador de Macau, ecoaria por Portugal inteiro e reforçaria as suas Forças Morais, estabelecendo um forte laço entre estas e o Sistema político, num período em que a descolonização fora tudo menos exemplar.

Naquele ato de transmissão de poderes, onde foi clara a consciência da população de Macau e do seu Governo das suas forças materiais, fator também determinante das Forças Morais, foram evidentes, nos valores abstratos que compõem aquelas Forças, a qualidade dos chefes, o seu patriotismo, a capacidade de sacrifício e de adaptação a situações novas, o conhecimento e respeito pela História, tudo tendo como referência o Interesse Nacional.

Estes valores resultaram potencializados face a uma ação política respeitadora do Sistema Cultural português orientadora de vias que garantiram a cultura prática dos valores referência e conseqüente consciente disponibilidade do Homem para a sua defesa e dignificação.

Não pretendemos sobrestimar estes fatores já que a sua complexidade e subjetividade não permitirá concluir concordantemente com Joseph De Maistre ao afirmar “ que uma batalha perdida é apenas a que nos convencemos ter perdido e será vitória toda a batalha que nos convencemos ter ganho”.

Fica assim claro que uma sólida formação Ética, moral e Cívica, facilita aos decisores a compreensão do verdadeiro Interesse Nacional e a sua entrega na preparação daquilo que desejam ser e do que profundamente desejam salvaguardar.

O que se pretendeu salvaguardar em Macau teve o seu momento crítico não em 1999 mas no primeiro semestre de 1975. Na primavera quente de Macau.

Quando duas óticas do poder militar em Macau se confrontavam, como noutras partes do então mundo português.

Uma, apoiando a entrega imediata do território à China e a destituição dos seus representantes.

Outra, defendendo a aplicação do Programa do Movimento das FA, através da aplicação do princípio do respeito da vontade das populações. Maio de 1975 foi momento crítico para o futuro imediato de Macau.

Sou testemunha ocular de quatro vontades que permitiram o cumprimento da vontade da população e da própria RPC: O Comandante Militar, Tenente-coronel Maia Gonçalves, o Comandante da Polícia, Major Lobo de Ávila, o Major (Chito Rodrigues) o Chefe de Estado Maior do Comando Chefe e o Secretário Adjunto para Obras Públicas, então Encarregado do Governo, Major Vasco Rocha Vieira. Venceu o bom senso e a moderação. Essa ação determinada e com riscos físicos e de carreira, cuja descrição aqui não tem lugar, permitiu que 20 anos depois o mesmo Vasco Rocha Vieira, então general saísse de Macau com a Bandeira que seria a última a ser arriada em Território Ultramarino Português.

É esse alto significado simbólico, reforçador das nossas Forças Morais, da nossa História, da História das nossas Forças Armadas que aqui evocamos hoje, num ato que conservará através do tempo, na nossa memória coletiva, um finalizar tranquilo, em paz, em perfeita harmonia entre dialogantes, o Império Português.

Na Batalha, onde D. Nuno Álvares Pereira nos reporta a 1385, o Monumento a Mouzinho de Albuquerque aos anos de 1890, o Túmulo do Soldado Desconhecido a 1914-1918, a Bandeira Nacional, que hoje o General Rocha Vieira decide entregar à Liga dos Combatentes, entidade responsável pelo Museu de Oferendas, no Mosteiro da Vitória enriquecerá o Poder Simbólico da nossa Instituição e reforçará um dos nossos maiores objetivos estatutários: Promoção da História de Portugal e do Amor à Pátria.

Ali será colocada no próximo dia 9 de Abril. Dia do Combatente.

Uma palavra de profundo agradecimento ao General Rocha Vieira por ter distinguido a Liga dos Combatentes, repositório de História e de Valores Pátrios ao ter decidido entregar-lhe o símbolo estandarte nacional que pela última vez flutuou em Macau e no chamado Império Ultramarino Português.

Lisboa, 04 de Março de 2016

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues
General